

## Rapunzel antes e depois de Enrolados

### *Rapunzel before and after Tangled*

**Jéssica Alves da Costa**

Universidade Estadual de Goiás - UEG  
jessica\_alvescosta@hotmail.com

---

#### **Resumo**

Os contos de fadas sempre estiveram presentes na vida das pessoas, sendo apresentados às crianças em suas casas pelos pais, nas escolas pelos professores ou nas telas do cinema. Diante disso, têm sido vastas as releituras dos contos de fadas que retratam a sociedade contemporânea, e um dos pontos que as releituras destacam é o papel da mulher atual. Assim, destacando a conquista da mulher na sociedade, este fato é mostrado de forma clara nos contos de fadas modernos. Portanto, este trabalho pretende analisar a nova releitura do conto por meio do filme *Enrolados*, a partir das conquistas e construção da nova identidade feminina, afirmando que é cada vez mais saudável e necessário que essa discussão comece desde a mais tenra idade.

**Palavras-chave:** Contos de fada. Literatura infantil. Gênero.

---

#### **Abstract**

Fairy tales have always been present in people's lives; they are presented to children at their homes by their parents, by teachers at schools or in the big screen. Besides, there have been a vast number of fairy tales rereadings that portray contemporary society, and one of the points that those rereadings highlight is the role of modern women; highlighting the achievement of women in society. This fact is shown clearly in modern fairy tales. Therefore, this study aims to examine the new remake of "Rapunzel" tale through the *Tangled* movie, from the achievements and construction of the new female identity, concluding that it is increasingly healthy and necessary that this discussion begin at an early age.

**Keywords:** Fairy Tales. Children's literature. Genre.

---

## Introdução

Há tempos as mulheres lutam pelos seus direitos na sociedade, por meio dos movimentos feministas. Aos poucos conquistam seu espaço, no entanto, as relações entre os gêneros feminino e masculino ainda não são plena igualdade, há muito o que se conquistar ainda. Hoje a mulher conquista sua independência, passando a ser protagonista de sua própria história, tendo mais liberdade e autonomia. A mulher do século XXI não depende mais do homem para sua sobrevivência e consegue sustentar os próprios filhos, sozinha.

Essas mudanças são representadas de forma clara nos contos de fadas adaptados na contemporaneidade. Se os contos tradicionais traziam princesas meigas, bondosas e à espera do seu príncipe, hoje os contos se esmeram por retratarem princesas que lutam pelo que querem. Se antes sempre eram indefesas, incapazes de lutar pelos seus sonhos - além de apresentar um perfil de princesas belas refletindo o padrão da sociedade daquele período - nas histórias atuais elas resistem ao padrão convencional e investem no que acreditam ser melhor para si.

Os filmes infantis vêm acompanhando essas mudanças conforme a evolução da nova sociedade. Isto pode ser observado no conto “Rapunzel” dos Irmãos Grimm publicado em 1812, no qual a mulher representava a típica dona de casa daquela sociedade europeia. Por outro lado, com as conquistas da identidade feminina, agora os filmes representam a mulher moderna, ou seja, a nova geração de princesas, como mostra o novo filme *Enrolados*, que enfatiza uma princesa que é capaz de se defender, mostrando ser corajosa e forte nos seus objetivos.

Diante disso, entendemos que os contos de fadas começam a ser reconstruídos, apresentando a mudança das mulheres, onde em épocas atrás os homens as dominavam e agora as mulheres já são poderosas e independentes. No filme *Enrolados* percebemos nuances da mulher contemporânea, representada pela princesa Rapunzel, que possui uma característica diferente dos contos de fadas tradicionais.

A escolha do título deste trabalho se justifica pelo fato de podermos trazer um importante debate ao conhecimento de pais e professores que nem sempre percebem que os contos tradicionais podem ser perniciosos na medida em que mantêm a ordem

tradicional, na qual a mulher era destinada ao casamento e afazeres domésticos. Podemos debater isso por meio das produções fílmicas atuais baseadas nos tradicionais contos de fada, que retratam as mudanças das sociedades.

Objetiva-se analisar a releitura do conto clássico da Rapunzel por meio do filme *Enrolados*, a partir das conquistas e construção da nova identidade feminina. Especificamente, objetiva-se discutir as conquistas das mulheres a partir da representação desta no filme *Enrolados*, bem como analisar a personagem Rapunzel de acordo com a nova construção da identidade feminina.

Trata-se de um trabalho que pode ser levado aos profissionais de educação na medida em que favorece um novo olhar ao papel da mulher atual. Trabalhar releituras dos clássicos contos de princesas possibilita mostrar às crianças que elas não devem seguir este padrão europeu de beleza ou comportamento, presumindo ser este o correto ou que trará felicidade a elas.

Sublinha-se que a metodologia se sustenta em pesquisa bibliográfica que será devidamente referenciada ao longo do texto.

### **Fundamentação teórica**

Da lexicografia, Tolkien (2006, p. 05) extrai a seguinte definição de fadas: “[...] seres sobrenaturais de tamanho diminuto, que a crença popular supõe possuírem poderes mágicos e terem grande influência sobre os afazeres dos homens, para o bem ou mal”. No entanto, na opinião de Tolkien (2006), o termo “contos de fadas”, não é obrigatoriamente sobre fadas, mas sobre *Faërie* (País da fada), onde habitam os seres mágicos como anões, bruxas, gigantes, fadas, dentre outras. Então, contos de fadas são caracterizados pelo espaço, ou seja, cenário onde acontecem as aventuras e as histórias.

As fadas (cujo nome deriva do latim *fatum* = destino) representam espíritos femininos. Suas origens provêm dos Celtas, povo que habitou o norte da França e o sul da Inglaterra. Elas representam o enigma que a mulher tem representado ao longo da história da humanidade. Além disso, a magia utilizada nos contos de fadas tem a função de atrair a atenção das pessoas, utilizando poderes e encantos mágicos (COSTA, 2008).

Os contos de fadas eram criados pela população em suas histórias orais e mitos, além disso, os autores também eram anônimos, trabalhavam em grupos, ou seja,

coletivamente. De acordo com Canton (1994), as populações de classes inferiores viviam numa realidade difícil que foi transformada simbolicamente em suas histórias. Então, nos contos essa população de classe baixa podia imaginar uma realidade mais feliz, transformando-se em príncipes e princesas e, assim, eram felizes para sempre.

Diferente disso, pelo fato dos contos de fadas fazerem parte da tradição oral popular, onde a população criava as histórias, os contos de fadas envolviam histórias com incesto, canibalismo, e mortes. Com o passar dos anos os contos foram propositadamente reformulados para o público infantil (ALBERTI apud AVILLETZ, 2006). O primeiro escritor a adaptar as histórias foi Charles Perrault, seguido dos irmãos Grimm e Hans Christian Andersen (CANTON, 1994), até chegar à sofisticação tecnológica representadas em produção fílmica como as de Walt Disney e da Dream Works:

Quando hoje falamos nos livros consagrados como clássicos infantis, os contos de fada ou contos maravilhosos de Perrault, Grimm ou Andersen, ou as fábulas de La Fontaine, praticamente esquecemos (ou ignoramos) que esses nomes não correspondem aos dos verdadeiros autores de tais narrativas. São eles alguns dos escritores que, desde o século XVII, interessados na literatura folclórica criada pelo povo de seus respectivos países, reuniram histórias anônimas, que há séculos vinham sendo transmitidas, oralmente, de geração para geração, e as registraram por escrito (COELHO, 2010, p. 06).

Vale lembrar que o ato de contar e ouvir histórias tinha como finalidade fugir dos hábitos rotineiros da vida da população. As histórias contadas pela população incluíam o modo de pensar da região e a característica da época: “Com passar dos tempos, foi diversificando a forma de narrativa, através da popularização dos livros” (CORSO e CORSO, 2007, p.24).

Nessas histórias (pautadas na oralidade e nascidas no período medieval), a mulher ocupava papéis que reforçavam sua submissão ao homem – princesas recatadas e frágeis, além de donzelas obedientes não com pouca frequência apareciam nas histórias. Além disso, aos personagens masculinos cabia a posição de chefe de família, ao passo que as personagens femininas deveriam se apresentar como modelo ideal de humildade e recato. Então, a literatura retrata o modelo da sociedade, na qual os contos de fadas foram escritos com foco no papel da mulher submissa ao homem, descrevendo a figura feminina como escravizada e injustiçada (ROSA, 2009).

Silva e Silva (2014) afirmam que em pleno século XVIII a mulher era submissa ao homem, no qual seu papel estava centrado somente no cuidado do lar. Ademais, a mulher era considerada frágil e indefesa, precisando sempre da supervisão masculina para sua subsistência, e considerada como objeto sexual do marido. Já o homem tinha o dever de trabalhar para dar sustento familiar (BORES e CESIDIO, 2007).

O estereótipo do homem também era influenciado pelos dogmas da igreja, no qual afirmava que as mulheres tinham papel na sociedade somente de procriar e serem donas de casa (SANTOS e SACRAMENTO, 2011). De acordo com Grossi (2004), na sociedade tradicional o gênero é representado pelas diferenças entre as tarefas masculinas e femininas. Assim, nos trabalhos mais pesados (como nas indústrias), estavam inseridos os homens como trabalhadores, enquanto as mulheres ficavam no trabalho doméstico. Essa divisão de trabalho é transmitida de geração em geração, em que os meninos aprendem com os homens e meninas com as mulheres. Grossi (2004, p.16), afirma que:

A questão da dominação masculina é uma das questões chave das reflexões teóricas feministas sobre o gênero. No final da década de 70, havia a opinião geral de que a dominação masculina era universal, ou seja, em todas as culturas do mundo, os homens dominavam as mulheres simbolicamente, politicamente e economicamente.

Neste sentido, Souza, Baldwin e Rosa (2000) explicam que os papéis de gênero condizem com as interpretações tradicionais do Brasil, tendo o envolvimento de uma cultura extremamente machista. Além disso, afirma Scott (1995), o termo “gênero” se refere a qualquer informação sobre mulheres e homens, onde o mundo da mulher faz parte do mundo dos homens. Para Scott (1995, p.75):

O termo “gênero” torna-se, antes, uma maneira de indicar “construções culturais” – a criação inteiramente social de ideias sobre papéis adequados aos homens e às mulheres. Trata-se de uma forma de se referir às origens exclusivamente sociais das identidades subjetivas de homens e de mulheres. “Gênero” é, segundo essa definição, uma categoria social imposta sobre um corpo sexuado. Com a proliferação dos estudos sobre sexo e sexualidade, “gênero” tornou-se uma palavra particularmente útil, pois oferece um meio de distinguir a prática sexual dos papéis sexuais atribuídos às mulheres e aos homens.

As mulheres que acreditam nas relações igualitárias de gênero passaram a lutar pelos seus direitos e logo conquistam seu espaço na sociedade, além disso, o seu corpo também acompanhou estas transformações sociais e históricas dentro da sociedade (BORIS e CESIDÍO, 2007). Para Louro (1997), na virada do século XIX para o XX, as manifestações contra a discriminação feminina foram reconhecidas por vários países ocidentais que passaram a ser conhecidas como movimento feminista. Neste contexto de luta de transformação, as mulheres começaram a ocupar um espaço digno na sociedade, desde escritórios, escolas, hospitais e até mesmo na política.

Na pesquisa de Grossi (2004), hoje no Brasil há diversos modelos masculinos, sejam homens honrados, pais sensíveis, homens desempregados, dentre outros. Grossi (2004, p. 29, grifos do autor), afirma “[...] Algumas destas “novas” masculinidades se afastam do modelo tradicional de força que definia o homem. Nestes novos modelos seria valorizada a inteligência, a sensibilidade e a capacidade de lidar com novas tecnologias”. O feminismo promoveu grandes transformações, no qual a nossa sociedade moderna esta configurada totalmente diferente daquela que existia em séculos atrás. Agora as mulheres e homens possuem uma nova identidade liberta do modelo tradicionalista (SANTOS 2011).

E nas artes? Como essas questões são trabalhadas? Sabemos que nos contos de fadas tradicionais havia o exemplo do comportamento a ser seguido, o qual pode ser demonstrado nos principais contos de fadas como, por exemplo, Cinderela, Branca de Neve e os Sete Anões, A Bela Adormecida, A Bela e a Fera e Rapunzel. Nestes contos, todos os personagens seguem estereótipos, como a bruxa malvada, a fada bondosa, o sapo vira príncipe, dentre outros.

Os príncipes desempenham papéis de heróis, corajosos e muitas vezes resgatando mocinhas e princesas em perigo. As princesas são caracterizadas pelos deveres femininos, donas de casas, belas, virtuosas, honestas. As princesas que desobedecem ao modelo clássico de virtude são condenadas (KHÉDE, 1986). Essas características provêm a partir de um contexto romântico cristão, onde a sociedade possui modelos a serem seguidos (SANTOS 2008).

De acordo com Maciel e Sousa (2014), o gênero textual segue os modelos da sociedade, assim como, os contos de fadas acabam retratando as características da sociedade, exibindo conflitos, problemas sociais. Estas representações inseridas nos

contos de fadas representam modos de condutas masculinas e femininas da época, conforme a seguir atestaremos na análise do conto “Rapunzel”, dos Irmãos Grimm.

### **O conto Rapunzel**

O conto de fadas Rapunzel foi escrito pelos Irmãos Grimm, sendo publicado pela primeira vez em 1812. O conto foi publicado no livro *Contos para a infância e para o lar*, e depois, em 1698, foi originalmente publicado: “O nome Rapunzel deriva da palavra alemã para raponço (uma palavra europeia que é usada em saladas)” (BETTELHEIM, 2007, p. 2008).

O conto Rapunzel é uma história de uma menina que era muito desejada pelos pais. Quando Rapunzel completou doze anos, foi levada pela feiticeira para morar numa torre enorme afastada de todas as pessoas. A feiticeira subia pela torre por meio dos cabelos longos de Rapunzel. Certo dia, um príncipe conseguiu chegar à torre de Rapunzel, sem que a feiticeira percebesse. Quando viu Rapunzel, apaixonou-se.

Assim que a feiticeira descobriu o segredo de Rapunzel, cortou seus lindos cabelos e depois a mandou para um deserto para que sofresse. Quando o príncipe retornou e descobriu a maldade que a bruxa fez, jogou-se pela janela caindo em cima dos espinhos que perfuraram seus olhos. Então, o príncipe andou até chegar coincidentemente ao deserto em que Rapunzel estava. Ao escutar o canto de Rapunzel, o príncipe correu para os braços dela. As lágrimas de Rapunzel caíram sobre os olhos cegos do príncipe e fizeram com que ele voltasse a enxergar. Logo depois o casal caminhou para o reino onde viveram felizes.

De acordo com Tatar (2004), os irmãos Grimm constroem a personagem da feiticeira como a proprietária do jardim, porém algumas traduções da história para o inglês transformam a feiticeira em bruxa má. Segundo o conceito de Frazer (1985, s/n), “a bruxa é uma figura arquetípica da Grande Mãe. Ela é a Deusa-Mãe negligenciada, a Deusa da terra, a Deusa-Mãe em seu aspecto destrutivo”. Esta Deusa-Mãe egípcia é chamada de grande bruxa e a grande mágica, no entanto, quando ela está furiosa, transforma-se em bruxa e quando é bondosa concede e dá à luz aos Deuses.

Nestas características supracitadas temos dois aspectos da mãe, em um lado monstruoso e no outro a mãe benevolente e maternal. Nos contos de fadas influenciados pela civilização cristã, o arquétipo de Grande Mãe, se divide em dois aspectos: a

Virgem Maria, por exemplo, é destituída de seu lado sombrio e representada apenas no seu lado de figura mãe. No entanto, no momento em que a figura da Virgem Maria se torna importante, isto se reflete nas perseguições às bruxas. Fraz (1985, s/n) explica:

Como o símbolo da Grande Mãe era muito unilateral, o lado sombrio foi projetado na mulher, o que deu vazão às perseguições das bruxas; como a sombra da Grande Mãe não estava contida no culto oficial do símbolo da Deusa, a figura da mãe dividiu-se em mãe positiva e em bruxa destrutiva. Nos contos de fada surgem inumeráveis bruxas e até a Grande Mãe frequentemente aparece, como provou Albert Dietrich em seu livro *Mutter Erde*. Por exemplo, existe a figura da avó do demônio — ou grande mãe; nos contos de fada o demônio convive, portanto, com a velha, isto é, sua própria mãe, a Grande Mãe Terra.

Já no conceito de Cabot e Cowan (1992), há diferentes opiniões sobre as origens da palavra inglesa *Witch* (bruxa). Uma das origens do significado de *Witch* varia *entrewise* (sábio) ou *wiswones* (os sábios). Em muitas línguas, bruxa é uma palavra que remete a sabedoria. Esta palavra “Witch” está mais associada a mulheres, no entanto, *Witches* denomina Bruxos.

Essa dualidade proposta por Fraz (1985) - Grande Mãe *versus* Deusa-Mãe negligenciada - aparece em Rapunzel. A história de Rapunzel também apresenta uma característica de mãe ciumenta, simbolicamente representada pela feiticeira - que tenta impedir a filha de ganhar sua independência, fato comum na adolescência das crianças.

Rapunzel e o príncipe agem de forma imatura, pois o príncipe vigia a feiticeira para subir na torre às escondidas, ao invés de conversar com a feiticeira sobre amor que ele nutre por Rapunzel. É por isso que nesse conto não ocorre um final feliz imediato, ocasionando o afastamento de Rapunzel da torre. Tanto Rapunzel quanto o príncipe passam por grandes desafios e angústias o que ocorre com os heróis de muitos contos de fadas (BETTELHEIM, 2007).

A origem do conflito de Rapunzel e da bruxa está na possessividade materna, que vê o crescimento como um abandono (CORSO e CORSO 2007). A feiticeira está representando uma mãe que é contra os encantos do amor, assim, prende sua filha na torre para manter o controle sobre ela. Além disso, no início do conto a verdadeira mãe de Rapunzel não luta contra a feiticeira e deixa Rapunzel ser levada para torre. No conto, o abandono materno está implícito e recebe pouca reflexão na história (GONÇALVES, 1998). As tranças de Rapunzel representam um laço de afeto entre mãe

e filha e quando a bruxa corta o cabelo de Rapunzel desfaz esse vínculo simbiótico, por outro lado, este corte representa uma separação entre mãe e filha, deixando-a livre para amar (CORSO e CORSO 2007).

Nos contos de fadas as madrastas costumam morrer no final, o que pode interferir de forma negativa no desenvolvimento psíquico das crianças, que costumam atribuir maldade às madrastas (GONÇALVES, 1998). E assim, as crianças vão selecionando personagens de sua preferência, e até mesmo se identificam com determinados papéis:

Ela se identifica com o herói bom não por causa de sua bondade. A condição deste tem para ela um profundo positivo. A questão para a criança é: Será que quero ser bom?,mas: “ Com que quero me parecer?”. Ela decide isso com base em sua projeção entusiástica numa personagem. Se essa personagem de contos de fadas é uma pessoa muito boa, então a criança decide que quer ser boa também (BETTELHEIM, 2007 p.17, grifos do autor).

Os contos de fadas apresentam conflito e violência, e por meio de histórias os pais ou adultos podem orientar as crianças sobre o que é importante em suas vidas, sobre o medo do abandono, morte, vingança, brigas e amor (TATAR, 2004). De acordo com Bettelheim (2007), conflito simboliza batalhas que todos temos que enfrentar, seja, pelo princípio de prazer, que leva a conseguir uma satisfação dos nossos desejos ou a conseguir uma vingança para as frustrações.

Além destas importantes questões, no conto “Rapunzel”, o que fica evidente e ressaltado aos olhos das crianças e adolescentes, é o papel de obediência da menina, que deve ficar escondida ou apartada da sociedade até que o pai ou a mãe determinem que seja chegada a hora de sua saída somente pelas vias do matrimônio.

Fato que também ocorre no filme *Enrolados*. Assim como no conto tradicional, a Rapunzel contemporânea quebra paradigmas e obstáculos, mas com a diferença que ela decide o seu caminho da liberdade, independentemente do matrimônio, conforme veremos na próxima seção.

### **O filme *Enrolados***

O filme *Enrolados* foi lançado em 2010, sendo uma versão moderna de Rapunzel, produzida pela Walt Disney. No filme *Enrolados*, Rapunzel é uma princesa,

filha de uma rainha que durante a gravidez ficou doente e buscou uma flor que possuía poderes para salvá-la. Nasce uma linda menina de cabelos dourados. Após seu nascimento, Rapunzel é roubada por Gothel, a feiticeira, e a partir daí passam a viver numa torre.

Gothel esconde o fato da menina e a cria com o máximo de cuidado e zelo, não deixando que Rapunzel saia da torre. Depois que completou dezoito anos, um jovem rapaz em fuga - por ter se envolvido em uma briga - refugia-se na torre onde estava Rapunzel e, então, os dois se apaixonam. Graças a este rapaz, Flynn Ryder, Rapunzel sai da torre e se depara com o mundo à sua volta. A partir daí o filme segue o roteiro mostrando os encontros e desencontros entre Rapunzel e Flynn Ryder.

O ápice se dá quando Rapunzel precisa enfrentar a ira de Gothel, sua mãe adotiva. Gothel precisava da força dos cabelos de Rapunzel para se manter jovem e linda. Em uma cena emblemática, na qual Rapunzel precisa curar a ferida de Flynn Ryder com sua trança, o rapaz corta-a, o que causa a destruição e morte de Gothel. Porém, as lágrimas de Rapunzel curam a ferida do rapaz.

Em alguns estudos enfatizam que é natural que as mães mantenham laços de proteção com seus filhos, algumas inclusive exageram de tal forma que impedem o amadurecimento da criança para a fase adulta. No filme *Enrolados*, o que se nota é a relação parasitária entre mãe e filha. Gothel não queria que Rapunzel a deixasse, pois se nutria da força de seus cabelos, fato que faz uma analogia às relações entre mães que precisam da força emocional das filhas para viverem. Também simbólico é o fato de Flynn Ryder cortar os cabelos de Rapunzel e fazer com que se rompa a ligação entre Gothel e Rapunzel, nos levando a pensar no primeiro corte entre mãe e filho – o corte do cordão umbilical:

Para as crianças é muito agradável pensar que haverá um período em que não se estará mais à mercê dos adultos, no qual já se é grande, bonito e ainda não é preciso cuidar dos filhos, nem trabalhar, muito menos ficar velho: essa é a adolescência sonhada pelos pequenos. Já os adultos precisam rejeitar o sofrimento e as vacilações que os adolescentes demonstram, quando prestamos atenção no que eles realmente fazem e dizem, pois a realidade dos mais jovens não coincide com a fantasia dos mais velhos (CORSO; CORSO, 2007, p.367).

A beleza era o maior “estigma” da feminilidade, a beleza representava o feminino. Então, o príncipe salvava a mulher ameaçada e depois se encantava pela sua

beleza. A delicadeza, bondade, honestidade e obediência também eram representadas pela fragilidade feminina. As personagens que não apresentavam estes atributos eram punidas, ou esquecidas pela sociedade (MENDES, 2000). No filme, ao contrário do conto, a beleza de Rapunzel está justamente em seus cabelos curtos. É a partir deste fato tão simbólico, que Rapunzel adquire liberdade e conquista de vez o amor de Flynn Ryder, a partir - reforçando - de sua própria vontade e escolha.

Rapunzel cresce na torre aos cuidados de sua mãe até a puberdade. Esse tipo de cuidado possessivo faz com que Rapunzel fique curiosa, querendo conhecer a paisagem além da torre, bem como, saber o que são as luzes que aparecem em seu aniversário. No entanto, quando chega à puberdade sua fisiologia feminina começa a aparecer, o corpo da adolescente cresce, voltando toda atenção para o parceiro erótico. Mostrar para a sociedade a nova imagem feminina é a forma privilegiada de revelar o avanço da maturação sexual, atraindo os rapazes por suas belezas e formas (CORSO e CORSO, 2007).

Nesse sentido a bruxa Gothel impede Rapunzel de conhecer o vilarejo, trancafiando-a na torre, mas na primeira oportunidade Rapunzel desobedece a sua mãe, gerando um conflito entre ambas. Segundo Gonçalves (1998, p. 389), “[...] os desenhos animados prometem aos pequenos que eles terão impasses, mas também que terão tempo e liberdade para experimentar e se decidir, como se fosse simples e direto”. Assim, é mais fácil conduzir o jovem com liberdade e o adulto com a racionalidade. Visto que, a rebeldia é envolvida com aventuras e realizações (GONÇALVES, 1998). Nesse sentido, a obra de Bettelheim (2007, p. 157) enfatiza que, “os primeiros passos rumo à aquisição dessa personalidade bem integrada são dados quando a criança começa a lutar contra suas ligações profundas e ambivalentes com seus pais, isto é, seus conflitos edipianos”.

Ainda mais complexa se torna esta questão quando os contos de fada trazem a figura da madrasta. No final da Idade Média, com frequência as parturientes morriam ao darem à luz, devido às condições precárias de saúde. Sem condições de criarem seus filhos, os viúvos logo se casavam novamente, daí as figuras das madrastas quase sempre aparecerem nos contos de fadas.

Gonçalves (1998) observa que os contos aproveitavam deste fato e trabalhavam de forma conflituosa a relação entre enteadas e madrastas. De acordo com Gonçalves

(1998, p.43), “[...] madrastas são o exemplo clássico e presente da nossa dificuldade em aceitar a mãe má”. E na maioria das vezes, as madrastas são responsáveis por todo sofrimento emocional e físico das princesas e príncipes nos contos de fadas (GONÇALVES, 1998).

Portanto, os contos de fadas ajudam a entender a sociedade e as pessoas, oferecendo ideias que permitem gerar coragem para o enfrentamento das dificuldades e resolução dos problemas. Assim, ao enfrentar conflitos possibilitam que o indivíduo torne-se autônomo e capaz de agir com coragem na sociedade, necessário, então, para atingir a autonomia e alcançar o status de vida adulta (BERTOL e SOUZA, 2010).

Temos, desta maneira, dois pontos importantes a serem destacados: o conflito entre mãe e filha, além do papel da obediência que filhas devem ter com suas mães. Esses conflitos, nos contos de fada, giram sempre em torno das meninas. Os meninos, ao contrário, exercem sua liberdade e autonomia ainda muito precoces. No filme *Enrolados*, por outro lado, o que se nota é uma moça que consegue quebrar essa construção.

Os contos de fadas, ao serem recontados, foram transmitindo significados e valores mais próximos da realidade, contribuindo para que crianças e adolescentes pudessem refletir e não apenas copiarem ou seguirem modelos já determinados. No conto tradicional, Rapunzel não teria tanta coragem como na releitura do filme, pois deveria seguir os costumes da época. O filme *Enrolados* quebra a visão tradicionalista, enfatizando que a princesa é capaz de se defender - fato mostrado claramente na cena em que Rapunzel encontra pela primeira vez Flynn Ryder na torre. Ao vê-lo, Rapunzel o recebe com uma panelada na cabeça e logo depois o amarra em uma cadeira com seus cabelos.

Em *Enrolados*, Rapunzel é uma princesa corajosa, que luta pelos seus desejos e sonhos. As atuais princesas da Disney, apresentam-se mais corajosas e perdem sua inocência, além disso, estão cada vez mais ousadas e têm um espírito de aventura, demonstrando o próprio espírito das meninas do século XXI, não mais submissas a seus pais, namorados ou maridos (VIVAN, BUENO e PAULINO, 2012).

### **Rapunzel dos Grimm e Rapunzel da Disney**

De acordo com Amero e Chacon (2005), os parâmetros da sociedade moderna não permitem que os contos de fadas continuem ressaltando os mesmos comportamentos morais de uma mulher submissa que depende do seu príncipe. Nesta perspectiva o filme *Enrolados* rompe este paradigma, reconfigurando uma princesa totalmente diferente da primeira versão (Rapunzel), demonstrando ser corajosa, valente e independente.

Este fato é representado claramente na cena em que Rapunzel encontra pela primeira vez Flynn Ryder, e consegue se defender. Em outra cena, Rapunzel salva Flynn Ryder dos bandidos, dentro de um bar. Quando Flynn Ryder começa a ser agredido pelos frequentadores do bar, Rapunzel luta com a ajuda de uma panela e com seu cabelo, e depois ela consegue convencer os rapazes a não levar Flynn Ryder para cadeia.

Nas versões contemporâneas e fílmicas dos contos de fadas, as princesas são mais ativas, elas lutam, salvam vidas, procuram realizar seus sonhos e ensinam o homem a respeitar o equilíbrio da natureza e a possuírem honestidade (CECHIN, 2014). Então, percebe-se que estas versões mostram o que tem acontecido nos últimos anos: a mulher está conquistando seu espaço gradativamente na sociedade.

Na versão tradicional, Rapunzel obedece todas as ordens da bruxa e se comporta como uma menina obediente. Já em *Enrolados*, assim que surge uma primeira oportunidade, Rapunzel desobedece às ordens de sua mãe, saindo do castelo para conhecer as famosas luzes. Além disso, no final do filme Rapunzel descobre que é a princesa perdida e, nesse momento, enfrenta a bruxa. Então, percebemos as diferenças de comportamento entre a Rapunzel tradicional e a Rapunzel do filme *Enrolados*. As características das adolescentes refletem no perfil da sociedade contemporânea, no qual, as mulheres são independentes, ativas e ocupam lugares de poder (BISSETTI, 2012).

O perfil dos príncipes é completamente diferente. O príncipe da primeira versão é corajoso e capaz de defender Rapunzel. Os príncipes das histórias tradicionais lutam para conquistar as princesas, lutam com dragões, fera, escalam torres e salvam reinos (AMERO e CHACON, 2005). Já em *Enrolados*, Flynn Ryder não é um príncipe, mas ao contrário, é um ladrão. Este ladrão tem uma personalidade extrovertida, medroso, precisando sempre de Rapunzel para salvá-lo. Na versão fílmica, o personagem possui características completamente diferentes, moldando a identidade masculina e feminina de acordo com a realidade em que a sociedade vive.

Wang e Jablonsky, (2006, p.61) cita:

A desconstrução da identidade masculina tradicional deve propiciar novas formas de subjetivação e, se o paradigma atual é de inclusão, o mais coerente seria buscar não um novo homem, mas novas e múltiplas possibilidades de ser, independentemente de sexo ou gênero.

No entanto, as princesas continuam com padrão de beleza, pois a sociedade contemporânea ainda valoriza a beleza da mulher. De acordo com Grossi (2004, p.11), “a beleza é um dos elementos centrais da constituição da feminilidade no modelo ocidental moderno, pois é ela que permitirá à mulher se sentir desejada pelo homem”.

Os contos de fadas tradicionais representam uma sociedade divisória de papéis, reforçando as virtudes, punindo os defeitos das pessoas e moldando o ideal de mulher - linda, doce, meiga, submissa e indefesa. No entanto, as novas versões de contos de fadas estão surgindo e mostrando a realidade que cerca nossas sociedades, lugares onde as identidades masculina e feminina não nascem prontas, muito menos seguem padrões pré-determinados. Mudam ao longo da vida, e esta é a grande contribuição das artes. Poder mostrar e representar as transformações.

### **Considerações finais**

Após o estudo comparativo entre o conto Rapunzel e o filme *Enrolados* percebemos a diferença entre os personagens e as representações da figura feminina e masculina. No conto, há características típicas de donzela, já no filme *Enrolados* há características da sociedade em que vivemos o que é mostrado claramente nos conflitos entre pais e filhos, no rompimento dos padrões patriarcais.

Estas reconstruções são de grande importância, pois a sociedade se identifica com as histórias recontadas e que mostram a realidade em que a sociedade vive. A partir desta reflexão é possível perceber o quanto a sociedade passa por mudança e o quanto é importante tais releituras dos contos de fadas participarem desse processo.

Além disso, os conflitos apresentados nos contos infantis são de suma importância para preparar os adolescentes a superar e resolver problemas que aparecem no seu cotidiano, como também, os contos de fadas transmitem mensagens simbólicas que permitem que as crianças saibam lidar e amadurecer com segurança.

Com esta pesquisa, conclui-se que as releituras dos contos de fadas mostram grandes conquistas femininas e nos possibilitam refletir sobre as diferenças da sociedade de tempos atrás e a sociedade atual. Espera-se, que com essa pesquisa possamos contribuir com as questões de gênero e sexualidade, além de podermos levar nossos estudos às escolas como forma de mostrar as novas construções da identidade masculina e feminina com suas conquistas.

## Referências

ALBERTI, Patrícia Bastian. **Contos de Fadas Tradicionais e Renovados: Uma perspectiva analítica**. Dissertação(Mestrado). Pós Graduação em Letras e Cultura Regional da Universidade de Caxias do Sul. Caxias do Sul, 2006.

AMERENO, Daniela Sacuchi e CHACON, Juliana; **Shrek e a nova representação dos contos de fadas**. Cenários da Comunicação, São Paulo, v. 4, p. 77-98, 2005.

BERTOL, Carolina Esmanhoto e SOUZA, Méritide; **Transgressões e Adolescência: Individualismo, Autonomia e Representações Identitárias**. Psicologia ciência e profissão, v.30 (4), p. 824-839, 2010.

BETTELHEIM, Bruno; **A psicanálise dos contos de fadas**. São Paulo: Paz e Terra. 21ª edição revista, 2007.

BISETTI, Patrícia Bertachini; **Identificando valores e o uso das tecnologias nas animações das princesas de Walt Disney**. Dissertação (Mestrado), Programa de Mestrado em Comunicação, área de concentração em Comunicação Contemporânea da Universidade Anhembi Morumbi, 2012.

BORIS, Georges Daniel JanjaBloc, CESÍDIO, Mirella de Holanda. **Mulher, corpo e subjetividade: uma análise desde o patriarcado à contemporaneidade**. Revista Mal-estar e Subjetividade, Fortaleza. Vol. VII – Nº 2 – p. 451-478, 2007.

CABOT, Laurie e COWAN; **O poder da bruxa: a terra, a lua e o caminho mágico feminino**. 3ª edição. Rio de Janeiro: Campus, 1992.

CANTON, Kátia. **E o príncipe dançou. O conto de fadas, da tradição oral à dança contemporânea**. São Paulo: Ática, 1994.

CECHIN, Michelle Brugnera Cruz; **O que se aprende com as princesas da Disney?**. Revista Zero-a-seis, v. 1, n. 29 p.131-147, 2014.

COELHO, Nelly N. **Panorama Histórico da literatura infantil/juvenil: das origens indoeuropeias ao Brasil contemporâneo**. 5ª ed. São Paulo: Manole, 2010.

COSTA, Marta Morais da; **Literatura Infantil**. Curitiba: IESDE Brsil S.A., p. 120, 2008.

CORSO, DIANA Lichtenstein e CORSO, Mario; **Fadas no Divã: Psicanálise nas histórias infantis**. Dados eletrônicos, Porto Alegre: Artmed, 2007.

FRANZ, Marie-Louise Von; **A sombra e o mal nos contos de fada**. Tradução Maria Christina Penteado Kujawski. 3ª edição, São Paulo: Paulus, 1985.

GONÇALVES, Ana Cristina Canosa; **Madrastas: do conto de fadas para a via real**. São Paulo: Iglu, 1998.

GROSSI, Miriam Pillar; **Masculinidades: Uma Revisão Teórica. Antropologia em primeira mão**. Programa de Pós Graduação em Antropologia Social, Universidade Federal de Santa Catarina, 2004.

KHÉDE, Sonia Salomão. **Personagens da Literatura Infanto- Juvenil**. São Paulo. Editora, Ática, 1986.

LOURO, Guacira Lopes. **Currículo, gênero e sexualidade**. Lisboa: Porto Editora, 2000.

MACIEL, Albenize De Fátima Pinheiro e SOUSA, Maria de Fátima Costa de; **O discurso masculino nos contos de fadas: uma abordagem além da fantasia**. Revista Digital da Faculdade de Letras do Campus Universitário de Bragança. N. 6, p. 74-92, 2014.

MENDES, Marisa B. T. *Em busca dos contos perdidos. Os significados das funções femininas nos contos de Perrault*. São Paulo: Editora Unesp, 2000.

ROSA, Silvana da; **Do tempo medieval ao contemporâneo: o caminho percorrido pela figura feminina, enquanto escritora e personagem, nos contos de fadas**. Dissertação (Mestrado). Pós-Graduação em Letras. Universidade de Santa Cruz do Sul – UNISC. Santa Cruz do Sul, 2009.

SANTOS, Maíra Bastos dos; **Convergências e divergências na idealização da mulher no discurso cinematográfico contemporâneo em diálogo com os contos de fadas clássicos**. XI Congresso Internacional da ABRALIC. Tessituras, Interações, Convergências. USP – São Paulo, Brasil, 2008.

SANTOS, Jucélia Bispo dos; **Novos movimentos sociais: feminismo e a luta pela igualdade de gênero**. Revista Internacional de Direito e Cidadania, n. 9, p. 81-91, 2011.

SANTOS, Ramaiane Costa e SACRAMENTO, Sandra Maria Pereira do; **O Antes, o Depois e as Principais Conquistas Femininas**. Revista Anagrama: Revista Científica Interdisciplinar da Graduação. São Paulo, Ano 5 – Edª 1, 2011

SILVA, Francielle Suenia da; SILVA, Márcia Tavares; **A mulher e o morro: representação da mulher negra em Anadavenga**. In: **Anais do II Colóquio Internacional Literatura e Gênero: Relações entre gênero, alteridade e poder**. Teresina, Piauí. 2014.

SOUZA, Eros De; BALDWIN, John R.; ROSA, Francisco Heitor da; **A Construção Social dos Papéis Sexuais Femininos**. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, v. 13(3), pp.485-496, 2000.

SCOTT, J; **Gênero: uma categoria útil de análise histórica**. *Educação & Realidade*, v. 20 (2), 71-99, 1995.

TATAR, Maria; **Contos de Fadas: Edição Comentada & Ilustrada**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, Ed., 2004.

TOLKIEN, J. R. R. **Sobre Histórias de Fadas**. São Paulo: Conrad Editora do Brasil, 2006.

VIVAN, Gabriela Aímolat; BUENO, Leonara Prieto; PAULINO, Marcela Ribeiro. **O Diálogo entre o Conto Rapunzel dos Irmãos Grimm eo Filme Enrolados de Walt Disney**. *Revista Eletrônica de Letras*, v. 5, n. 1, 2012.

WANG, May-Lin; JABLONSKI, Bernardo; MAGALHÃES, Andréa Seixas. **Identities masculinas: limites e possibilidades**. *Psicologia em Revista*. vol. 12. n. 19, 2006.

---

#### Sobre a autora

##### *Jéssica Alves da Costa*

Possui graduação em Ciências Biológicas pela Universidade Estadual de Goiás- UEG- Câmpus Iporá- 2013. Especialista em Gênero e Diversidade na Escola pela UFG- 2015. Especializando em Tradução/Interpretação e Docência de LIBRAS pelo Instituto UNÍTESE. Foi bolsista do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID) pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) em 2013. Tem experiência na área de Educação Inclusiva, com enfoque para o ensino de LIBRAS em diferentes perspectivas. É membro do Núcleo de Apoio Psicossocial (NAPS), na UEG- Câmpus Iporá. Atua, como intérprete de LIBRAS na Universidade Estadual de Goiás- UEG- Câmpus Iporá.

---

Artigo Recebido em Fevereiro de 2017.  
Artigo aceito para publicação em Julho de 2017.